

Pasta

4822

O ESTADO DE SÃO PAULO-21-4-74

O jazz de Johnny Alf em disco, para quem gosta de bossa-nova

ADONES DE OLIVEIRA

NÓS/JOHNNY ALF — Diretor de produção: Milton Miranda; diretor musical: maestro Gaya, assistente de produção: Simon Khoury; orquestradores: Egberto Gismondi, Paulo Moura, Wagner Tiso, Gilberto Gil, Ivan Lins; regentes: Mario Tavares, Artur Verocai, Paulo Moura. **LADO UM:** "Saudações", "O que é amar", "Um gosto de fim", "Acorda, Ulisses", "Musica Simples"; **LADO DOIS:** "Nós", "Outros povos", "Plenilúnio", "É um cravo e tem espinho", "Um tema pro Simon". Discos EMI/Odeon.

Com 45 anos, e um respeitável passado musical, Johnny Alf continua sendo, como ele próprio disse numa entrevista recente, "um autor que compõe para um público muito especial, formado por aqueles que frequentam a noite e gostam do som intimista da bossa-nova". Se dissermos, como ele, que "Nós" não é uma volta, mas "a continuação de um momento musical que pode ter começado com ela", teremos compreendido o seu quarto LP, lançado agora em selo EMI/Odeon.

Em parte, porque gravando músicas de outros compositores, feitas especialmente para ele, Johnny Alf procurou em algumas romper seus estreitos

limites com a estética bossanovista, na busca de uma maior comunicabilidade com o público que, em tantos anos de carreira, só conseguiu com "Eu e a Brisa". Mas nem na faixa "Saudações", de Egberto Gismondi e Paulo Cesar Pinheiro, nem em "É um cravo e tem espinho", de Gonzaga Jr., dois

sambas de sabor bem popular, o compositor-cantor logrou sua intenção. Musico essencialmente jazzístico, Johnny Alf ainda toca para entendidos ou, quando não, para os que se ligam mais a aspectos puramente musicais.

Todo seu disco é, assim, um exercício de bossa e de jazz,

flagrantemente perceptíveis nos maneirismos vocais, nos arranjos e nas letras. Pode-se ir inclusive mais longe e verificar-se até indícios da pré-bossanova. Em "O que é amar", do próprio Johnny Alf, letra e estrutura melódica lembram o "Copacabana", de João de Barro, gravado por Dick Farney

muito antes de 60, quando a bossa-nova eclodiu. Observe-se ainda a faixa "Musica simples" de Gilberto Gil, com um "desafinei" no quarto verso que a remete em cheio ao "Desafinado", de Antonio Carlos Jobim e Newton Mendonça. Isso contudo não invalida o disco de Johnny Alf. Demonstra que

o compositor permaneceu fiel a si mesmo e não se deixou seduzir pelos apelos de consumo mais imediato. Os discófilos certamente apreciarão essa coerência.

É bom lembrar que Johnny Alf foi, não apenas um dos principais estímulos da bossa-nova, mas um dos seus precur-

sos. Quando o movimento ensaiava seus primeiros passos, nos fins da década de 60, ele já era um compositor "diferente" e dava provas disso em bares da zona sul do Rio de Janeiro, onde tocava composições de sua autoria como "Rapaz de bem", "Céu e mar" e outras.

A melhor prova da jazzificação de Johnny Alf, neste disco, é a presença do saxofonista Paulo Moura, regendo, assinando dois arranjos e solando flauta e saxofone. E de compositores mais modernos que, mesmo comprometidos com o sentido nacionalista de suas músicas, se jazzificaram totalmente.

Pasta 4822
S.A. O ESTADO DE S. PAULO

UM CANTOR QUE NÃO MUDA. MESMO MAL ACOMPANHADO.

Três anos depois de se apresentar apenas nas noites cariocas, o cantor/compositor Johnny Alf volta à noite da paulicéia como se apenas três dias tivessem se passado. Seu estilo continua intato e imutável. Até mesmo a novidade das composições recentes que vão fazer parte de um musical que ele ainda não terminou de escrever têm as mesmas características uniformizadas de suas músicas antigas. Johnny Alf ainda canta *Eu e a Brisa* da mesma forma em que ela foi feita. Por isso, ele é o cantor ideal da noite, com um repertório que exige a companhia de um usque para ser ouvido, de preferência quando a noite estiver chegando ao fim.



Alf: melhor sozinho

O piano e a voz de Johnny Alf têm um encontro perfeito com o *soft* de suas músicas, só entrando em desarmonia com a bateria e o contrabaixo que o acompanham porque são instrumentos tocados por dois músicos desinteressados que apenas acrescentam barulho à voz grave e macia do cantor. O rendimento só poderia ser melhor se Johnny Alf estivesse sozinho no palco da boate Igrejinha.

O antigo de Johnny Alf é sempre a atração do dia seguinte, por que as duas apresentações que faz acontecem sempre depois da meia-noite. O horário anterior a casa reserva para atrações mais novas. A melhor delas é a dupla Rodger e Teti, ex-integrantes do Pessoal do Ceará que mostram suas composições logo que a noite começa, às 21h30. E ainda há Nana Caymmi entrando sempre 40 minutos antes das apresentações de Johnny Alf. Uma rotatividade perfeita para público de boate.

Wladimir Soares

Pasta 4822

Journal da tarde 10 DE DEZEMBRO DE 1976



No Municipal, velhos sucessos e novas composições do precursor da bossa nova.

Johnny Alf está hoje, à meia-noite, no Municipal, que provavelmente estará lotado de seu público mais fiel: o romântico. Além das novas gerações, que querem ouvir, pelo autor, grandes sucessos da bossa nova. E Johnny promete cantar o que o público pedir.

Há quem nunca tenha se esquecido de Johnny Alf. Há quem se lembre dele de vez em quando. E também há quem mal conheça um dos precursores da bossa nova no Brasil. É esse mesmo Johnny Alf, pianista, cantor e compositor, que se estará apresentando hoje, à meia-noite, no Teatro Municipal.

Sempre que se fala em Johnny Alf, a tendência é relembrar músicas antigas como Eu e a Brisa ou Ilusão à Toa, apesar de o compositor não ter parado no tempo:

— Infelizmente as gravadoras não dão muita chance às composições novas, dizem que não vendem, e querem que você continue apresentando trabalhos iguaizinhos a esse ou àquele sucesso. Como me recuso a ficar me imitando, também sou recusado.

Johnny diz isso rindo, acrescentando que não tem importância, continua trabalhando, apresentando-se, tocando em boates:

— Não que eu precise das gravadoras. Preciso, como todos nós. Só que não me dobro. Ou me aceitam, ou não. Sem meios-termos. Se me conhecem pelas composições antigas, a explicação é muito simples: foram aceitas porque foram bem lançadas. Uma num festival, outra numa novela. O público gostou, não se esqueceu mais. Tanto é que toda vez que me apresento e toco duas ou três músicas novas que são aplaudidas, alguém sempre se levanta e pede uma antiga. Chovem aplausos, tem gente que chora. Sabe por que? O brasileiro é um romântico. A música pode passar por várias fases, rótulos, mas tudo isso passa, e voltam as românticas, um estilo que nunca sai de moda, talvez porque nunca tenha sido moda.

Em boates é difícil apresentar as composições novas. Os frequentadores insistem nas antigas. As gravadoras impõem obstáculos. E Johnny Alf só é ouvido por um pequeno círculo — aqueles que têm dinheiro para ir às boates. Mas, em setembro desse ano, veio a primeira oportunidade maior:

— Foram alguns dias no MAM, no Rio. O público lotou todas as sessões, pedia bis, foi um sucesso. Principalmente os mais novos. Isso só provou que minha teimosia em continuar compondo, sem me importar com a comercialização, ainda é a melhor teoria.

Agora, no Teatro Municipal, o público paulista também poderá escutar as novas composições de Johnny. Ele diz que

não mudou radicalmente. Ficou mais velho, mais experiente, e suas músicas refletem esse amadurecimento. Ou, como ele mesmo diz, "são um prolongamento de mim mesmo".

Senta-se ao piano, toca duas ou três, sempre com aquela voz grave e macia. Depois volta para o sofá, e continua falando de suas obras novas:

— No momento, parei um pouco. Mas estava compondo uma peça musical que ainda vou terminar algum dia, tem tempo. Enquanto isso vou tocando, cantando, compondo. Só não perco é a coragem de continuar meu trabalho, isso não. Sei que se algum dia for bem lançado será bem recebido.

O espetáculo de hoje é promovido pelo Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura (os ingressos vão de Cr\$ 5,00 a Cr\$ 25,00) e pela equipe da Planus Promoções e Produções Artísticas Ltda cujo diretor, João Magalhães, conta que no ano que vem, Johnny Alf volta definitivamente:

— Vamos reabrir o programa "Seis e Meia", no Teatro João Caetano, no Rio, a partir de janeiro, juntando o Johnny com o Paulinho Nogueira. Depois, ainda em janeiro, virá uma temporada em São Paulo, falta determinar o teatro. E a seguir, fazendo parte da programação da Secretaria de Cultura, Ciências e Tecnologia do Estado, o Johnny vai dar vários espetáculos em núcleos de reabilitação do menor; cumprindo um segundo plano, o da Integração do Menor na Comunidade, ele vai percorrer 32 municípios do interior de São Paulo. Depois, se tudo der certo, talvez venha um disco, pela Warner Bros. Mas isso ainda depende de algumas confirmações.

Agora que Johnny voltou, é bem provável que suas músicas novas ganhem a mesma importância das antigas. "Venham me escutar no Municipal. Depois do espetáculo vocês podem pedir o que quiserem que eu toco. Cantar ainda é melhor que falar". Exatamente como escreveu ao compor o primeiro verso da música Olhai: "Olhai que eu venho trazendo embalo e cantando que eu provo aquilo que eu falo."

A sequência das músicas hoje à noite é a seguinte: na primeira parte estão Teuza pro Simon, Olhai, Chegou a Hora, Wagner Walzer, Saudações, O que é Amor?, Céu e Mar. Na segunda vêm: Desafiado, Beijo Partido, Planus, um pout-pourri (Rapaz de Bem, Ilusão à Toa, Fim de Semana em Eldorado e Eu e a Brisa) e depois, Diagonal, O Resto é Silêncio e, finalmente, Orgulho de Bom Sambista.

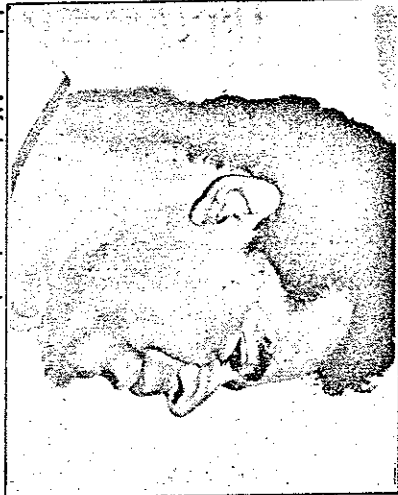
ESTADO DE S. PAULO
N.º 4.822

4.822

ESTADO DE S. PAULO

Jornal da tarde 7 de fevereiro de 1979

JOHNNY ALF



Johnny Alf: bons arranjos, boa voz...

Johnny Alf, o pianista-cantor que já fazia bossa-nova em 1951, muito antes, portanto, do nome ter sido inventado, continua fiel ao seu estilo de misturar a batida do samba com harmonias de jazz. Toda essa fidelidade está presente em *Desbunde Total*, seu lp mais recente, gravado na Chantecler. Apesar do nome moderno, que prevê evoluções temáticas e sonorais, o disco se contenta em ser apenas um déjà-vu de tudo aquilo que existe em outros discos de Johnny Alf. Melhor teria sido usar, como título, um dos versos de "Passo Livre", uma bobagem metafórica assinada por Armando Cavalcanti e Vitor Freire: "Mas pra mim já era, não dá pé".

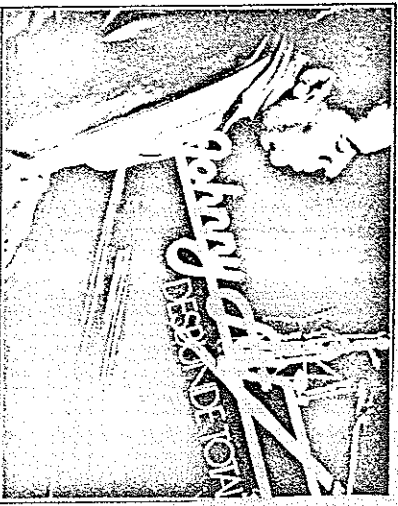
Não se trata de um disco ruim, mas velho. Johnny é muito competente nos seus arranjos.

CRÍTICA
Um disco para servir de música de fundo. Pouco para Johnny Alf.

Desbunde Total, o mais recente LP de um dos criadores da bossa nova, nada tem que justifique seu título. Pelo contrário, é um disco que já nasceu velho.

tem um toque bastante sutil no piano e usa com muita propriedade sua voz grave. Todas essas qualidades, porém, não levam a nada em termos de criação. As letras de Johnny Alf se contentam em retratar o óbvio da dor de cotovelo, sem nada acrescentar ao gênero. Em "Paz de Um Grande Amor" ele canta: "Vinde a mim/com teu calor/ traz contígua paz de um grande amor". Em "Eu Pretendo Não Chorar" os versos não evoluem muito: "E já dei guarida pra paixão/curti bastante a transação/quase cai na contramão". Para culminar, cantando em "Que Volte a Tristeza": "Foi-se a paz e o teu sorriso esmoreceu/Foi-se o amor e quem ficou tão só fui eu/que volte a tristeza a morar em meus olhos/riso não pôde ficar".

Nada, portanto, justifica o título de *Desbunde Total*.



...e um disco igual aos outros.

Desbunde Total que Johnny Alf deu a este seu disco. A não ser a existência de uma música com esse nome ocupando a primeira faixa do segundo lado, quando o máximo de *desbunde* sugerido pela letra é a liberdade no cântico. A única diferenciação que o disco tem é a faixa "Oxum", um ponto de candomblé intimista, portanto, justamente o oposto de um *desbunde*. "Oxum" acaba sendo a melhor criação do disco por causa de sua inovação sonora. O que, em se tratando de um lp, é muito pouco. A não ser, é claro, para quem pretende usar o disco como música de fundo, como acontece nas boates: dessa forma, todas as faixas são agradáveis melodiosas ao ouvido e nada mais.

WLADIMIR SOARES

Pasta

4822

S. A. O ESTADO DE S. PAULO

2

O novo projeto Funarte, com início marcado para esta noite, 21h, pretende mostrar sempre — em temporada de duas semanas — um artista consagrado apresentando um grupo novo que ainda não chegou ao disco. A abertura do projeto terá o pianista, compositor e cantor Johnny Alf e o (grupo) Quintaessência. Embora essa série tenha este espírito de juntar o veterano com o novato, no caso de Johnny Alf e do Quintaessência, as duas atrações serão quase uma novidade para o público. Isto porque Johnny Alf, nos seus 31 anos de carreira, permaneceu uma boa parte deles tocando na noite. Seu último contrato com uma boate paulista durou um ano, e quando acabou, Johnny resolveu dar novos rumos à sua música. Pôde então aceitar o convite para integrar o projeto Pixinguinha ao lado de Nana Caymi e Flávio Sales, conseguindo uma muito bem-sucedida temporada, terminada recentemente.

Quanto a São Paulo, mal se recordava da última vez em que apresentou-se em teatro. Por isso, conta com a presença do seu habitual público noturno entre a platéia diversificada da Sala Funarte — Guiomar Novaes, nestes shows de quarta a sábado, 21h, e domingo, 20h (mesmos dias e horários da próxima semana). Johnny Alf mantém exatamente a mesma postura do começo da carreira diante da música.

Na sua calma habitual — “eu não esqueço” — relembra que depois de nove anos de carreira, com sua música plenamente reconhecida, é que conseguiu gravar seu primeiro LP. Ao longo destes mais de 30 anos gravou apenas seis, mas orgulha-se de ter conseguido fazer exatamente o que queria e da maneira como imaginava. Meio desiludido pela falta de novos convites, agora parte para o disco independente.



Alf e parte do Quintaessência

O velho Alf, com sabor de novidade.

— Minha obra jamais enquadrou-se nos esquemas comerciais. Sempre foram discos com pequena tiragem e que acabavam vendendo aquele tanto e saindo do catálogo. Agora resolvi bancar minha própria produção.

Johnny sente que tem um bom campo ainda para atuar. “Testou sua popularidade” no projeto Pixinguinha, nas suas apresentações na TV-E do Rio de Janeiro, e mesmo na noite do Rio e São Paulo, para onde é sempre requisitado. Essa temporada na Funarte servirá também para dar um impulso que estava faltando, junto a um novo público. E é mais ou menos o que acontecerá com o Quintaessência, que

já tem sua pequena platéia fiel, formada durante os shows no circuito paralelo. Neste espetáculo mostra um repertório com uma série de músicas inéditas de novos compositores, além das conhecidas Reber to (Gilberto Gil), Cravo e Canela e Itamarandiba (ambas de Milton Nascimento Serrado (Djavan) e, provavelmente na próxima semana, um arranjo que fizeram de Trilhos Urbanos, de Caetano Veloso, com Get Back, dos Beatles. Condicionam a apresentação desta música ao tempo que ter para preparar seu espetáculo e para terminar os ensaios, sob a direção de Chico de Assis.

O Quintaessência também está preparando o seu disco independente que pretende ver no mercado já para outubro próximo. A forma de conseguir verba é vendendo antecipadamente o disco para “amigos e parentes ou para o pessoal de enterro, ou seja, o que nos segue para onde a gente for”. O Quintaessência existe há cinco anos e há três mantém a mesma formação, com Ricardo no clarinete e piano; Halter, flauta e violão; Teresa, escaleta e percussão; Bartira e Solange, nos violões. Todos fazem vocais também.

Eles terão apoio instrumental de Mariô no piano, Acê no baixo e Semy na bateria que, à exceção de Mariô, também acompanharão Johnny Alf. Johnny, em fase de explorar bastante o seu lado de intérprete, toca apenas uma instrumental (Plexus), suas músicas mais conhecidas (Eu e a Brisa, Céu e Mar e outras), além de Caetano Veloso, Tom Jobim, e Toninho Horta. Ele continua compondo com bastante frequência, mas está guardando material para o próximo disco (o último, Desbunde Total, saiu há quase quatro anos). Por enquanto, para ouvi-lo, só indo à Sala Funarte — Guiomar Novaes, Alameda Northman, 1058.

SHOW/MPB

Johnny Alf e piano, muito além da bossa nova

*Um dos mais criativos e agitados músicos brasileiros, ele se apresenta duas noites no Baiúca-Jardins. Só se a insistência for grande, ele canta **Eu e a Brisa***

Jimí Joe

Especial para o Estado

Para as memórias de poucos bytes, o nome de Johnny Alf está apenas (e inevitavelmente) ligado à canção **Eu e a Brisa**, desclassificada num festival de MPB em 1967 e conduzida à imortalidade pelo gosto popular do brasileiro. A vida e obra completa de Alfredo José da Silva, 60 anos, comprovam, no entanto, a capacidade de constante reciclagem e atualização de um dos mais criativos e agitados, apesar de imensa timidez, musicistas brasileiros. Quem quiser verificar de perto toda essa musicalidade e criação pode ir ao Baiúca-Jardins nesta segunda (ou na terça-feira) para expor os ouvidos ao piano e à voz de Johnny Alf. Ele pode tocar, inclusive, **Eu e a Brisa**, se os saudosistas insistirem muito. Mas quem chegar com ouvidos bem abertos ao novo pode ouvir Johnny enveredando por caminhos que levam para bem longe da idéia de bossa nova, da qual dizem ainda hoje, é ele um dos influenciadores diretos, embora o próprio Johnny goste mais de se declarar aparentado com o jazz.

A grande maioria dos 60 anos de Johnny Alf foi passada diante das teclas do piano, desde os primeiros passos guiados por dona Geni Bálamo, a primeira professora, com quem ele ficou seis anos. A mesma velha história: ele estudava piano clássico, porque dona Geni sabia mesmo era de Chopin e assemelhados e queria distância daqueles sons esquisitos arrancados do piano por músicos americanos, que tanto agradavam aos ouvidos de Alfredo José, que ainda não tinha recebido a alcunha anglicizada. E, assim como gostava das harmonias enviesadas do insurgente jazz dos anos 40-50, Johnny gosta hoje das sonoridades pop traçadas por Simply Red ou Peter Gabriel.

Numa imperdoável atitude para os adoradores do lado bossa-fossa de Johnny, ele é capaz de afirmar não tão impunemente seu interesse pelo pop estigmatizado de Michael Jackson. Na prática, quer dizer, diante do piano, perante o público, ele também gosta de guiar suas

mãos ou seu grupo (se houver um com ele na ocasião) pelas sendas espinhosas de um fusion capaz de arranhar os tímpanos ainda conservadores, que acham que música de bar é trilha sonora para goles de uísque e paqueras. "Bares", dizia o cantor folk Pete Seeger, na contracapa de um álbum gravado ao vivo num bar, "são lugares para bêbados, basicamente. Mas pode-se encontrar públicos interessantes por vezes".

Mais do que ninguém, Johnny Alf é o avalista ideal para as palavras de Seeger. Se ele passou a maior parte dos seus 60 anos de vida diante de um piano, uma enorme porção de vezes esses pianos estavam invariavelmente dentro de bares. A convivência com o público da noite ensinou-lhe, porém, não a se curvar aos desejos de certos públicos, mas a fazer um público específico procurar pelos lugares onde tocou, em busca não de um bar com música ao vivo, mas de um músico certo onde quer que ele estivesse. Essa certeza de público levou Johnny a fazer longa temporada no 150 Night Club, do Maksoud. Além de tocar completamente à vontade, ali ele pôde conhecer e formar amizade, além de concretizar uma óbvia troca de informações musicais com muitos artistas de jazz estrangeiros.

A paixão pelo jazz, aliás, ainda se mantém paralela à admiração pelas inovações do pop. Sempre tentando, timidamente, esquivar-se da rotulação de bossa-novista, Johnny diz que é anterior a ela. Na verdade, o que ele fez foi influenciar nomes como Tom Jobim, Carlos Lyra, Luiz Eça e toda a geração que formaria o sucedâneo da bossa nos fervilhantes anos 60. Agora, nos 80, onde fazem de tudo em nome de qualquer coisa ou causa, Johnny faz o que sempre fez de maneira eternamente mutante: toca piano em nome e por amor à música. Prefere deixar aos embevecidos (às vezes embebedados) saudosistas a função de lembrar coisas e canções.

Ao mesmo tempo, Johnny Alf não demonstra preocupações com o futuro. Aos 60, ele não tem urgência de nada. Sua única emergência é o teclado e sua música. Se insistirem muito mesmo, ele canta **Eu e a Brisa**. Afinal, sabe que muitos vão lá por isso. Mas é bom ir preparando bem o coro. Ele é capaz de não lembrar os versos, por ter uma canção fresquinha ocupando sua cabeça.

SERVIÇO

Johnny Alf —
o compositor e pianista
apresenta-se nesta segunda
(23) e terça (24), a

partir de 23h30, no
Baiúca Jardins (avenida
Brigadeiro Faria Lima,
609). Cowert. NCz. \$ 75,00.

Um elenco de estrelas na volta de Johnny Alf

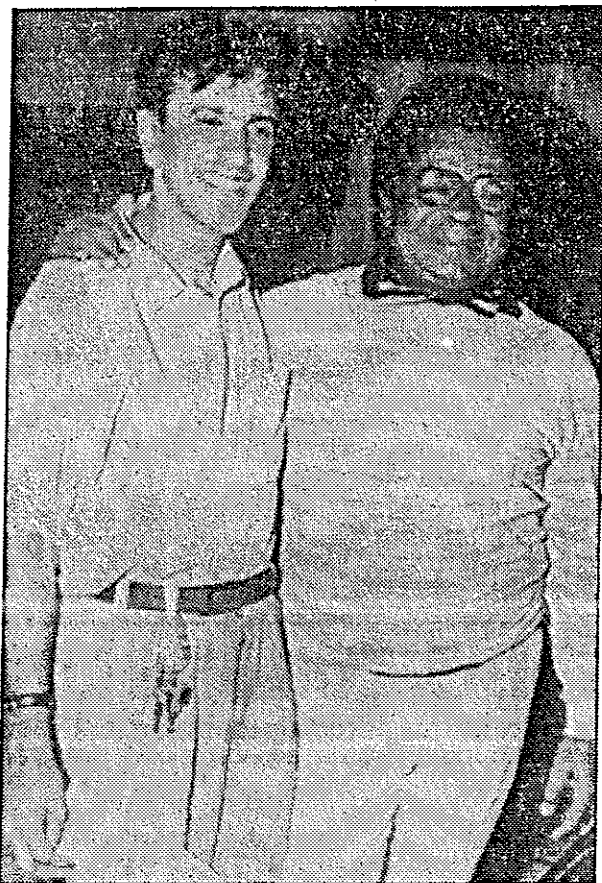
Gal, Caetano, Chico, Zizi Possi e Gilberto Gil estão presentes no primeiro LP que o cantor e compositor lança depois de 16 anos de ausência das gravadoras

Mauro Dias

RIO — Toda vez que a década vira aparece alguém para discutir se o primeiro ano da nova época é o terminado em zero ou o terminado em um. Se for o terminado em um e se presságios valem, pode-se apostar em bons tempos musicais. Logo no dia sete de janeiro, a primeira segunda-feira útil de 91, chega às lojas o novo disco de Johnny Alf — o primeiro desde 1974, quando ele gravou o antológico *Nós* e depois foi jogado no ostracismo. Johnny Alf, o carioca Alfredo José da Silva, nascido em Vila Isabel e estrela da noite de Copacabana nos anos 50, é um dos mais elaborados compositores da história da música popular, em qualquer parte do planeta. Mereceria estátua em praça pública. Tem o esquecimento completo.

A história de *Olhos Negros*, o álbum lançado agora, conta-se pelo esforço pessoal do produtor Liber Gadelha, um violonista e guitarrista que não admitia Johnny ausente. Liber quer Johnny nas paradas — e para concretizar a proposta atirou fundo (no melhor) apelo comercial. Convidou os craques — Gal, Caetano, Chico, Zizi, Emílio, Gil, Sandra, Leny, Menescal e Montarroyos — para dividir as faixas com o autor-intérprete, numa formidável sucessão de duetos. O repertório abrange os clássicos e estende-se pela criação nova. No LP que sai agora são dez músicas. O CD vai ter mais duas, em que Johnny brilha sozinho.

Feitos e aceitos os convites, Liber levou o projeto à direção da gravadora BMG-Ariola. Vantagem: um público pequeno porém certo e a possibilidade de conquistar público novo pelo aval do elenco, que participou de graça. O presidente da companhia, Manolo Camero, topou de cara. Em suspenso ficou apenas a data de lançamento. A previsão inicial indi-



Caetano Veloso e Johnny Alf: dueto em *Olhos Negros*

cava dezembro. Adiou-se. Agora vai.

Gal Costa abre os trabalhos, com *Ilusão à Toa*. Entra grave, contida, e desperta saudades não apenas da boa música que já se fez por aqui como também das boas cantoras que temos e não aproveitamos. Essa circunspecta Gal Costa é extraordinariamente melhor que a dos cabelos e outras novidades. O timbre da voz fere na medida certa.

O encanto aumenta na faixa seguinte, com Caetano na novíssima *Olhos Negros*, letra do bom Ronaldo Bastos: "Olhos negros, negros são os breus se não são meus ao meu olhar. Olhos negros, se não forem meus serão do mar, mares negros". Para o produtor Gadelha, também instrumentista no disco, mais um mérito: o de ter deixado os intér-

pretes conferi seus tons pessoais a cada canção. A terceira faixa está com Chico Buarque, a sutilíssima **Seu Chopin, Desculpe**. Um jornal do Rio faturou em cima: Chico repetiu exaustivamente — e não acertava — a divisão da música. Mas isso é comum. Há um dia em que o instrumento não afina — fica para depois. O que não é comum é o próprio **Seu Chopin**, uma construção cromática ascendente sobre o balanço de bossa-nova. Covardia é quando Johnny entra cantando.

Zizi Possi é clássica em **Nós**, título do citado disco de 74, e Emílio Santiago estraçalha em **Rapaz de Bem**, uma das primeiras composições de Alf, ainda nos anos 50. Emílio sabe das coisas e lembra o Simonal dos primeiros tempos, com impressionante jogo de cintura. Ai Johnny entra e a festa se completa com uma jam de sacudir o Pão de Açúcar.

O lado B tem Gilberto Gil na abertura, encontrando sutilezas na previsível **Eu e a Brisa**, último sucesso de Johnny, originalmente na voz de Márcia. A canção não foi classificada num festival da canção de 1967, mas estourou nas rádios, projetou a cantora e virou seu emblema e prefixo. Formidável. Mas quem brilha mesmo nesse lado é Sandra de Sá, que imprimiu seu natural sotaque pop ao clássico **O Que É Amar**. Quando Johnny entra no som o suíngue come solto, em momentos brilhantes de esfuziante prazer. Ah, Sandra de Sá, com um bom repertório, o que de bom não seria.

A nova **Dois Corações** é o único momento sem piano do disco. Sem piano, mas com o violão de Roberto Menescal, na sua melhor forma. Depois há Leny Andrade, discípula vocal de Johnny, em dueto com o mestre, em **Nossa Festa**. A música é do pianista Alberto Chimelli e a letra de Johnny é do mais impressionante barroquismo: “Ah, o evento do amor chegou para testar as nossas vontades”, e mais: “Deve haver uma causa maior e maiúscula nesse empreendimento”. Enfim, Johnny é um letrista barroco. Sempre foi. Aqui está mais evidente. A faixa, em todo o caso, é linda. E prepara para Márcio Montarroyos suíngando todas no picotado **Sonhos e Fantasias** — mais uma deliciosa invenção. A aventura do vinil termina por aqui, a do CD acrescenta **Tem Mais**, de Johnny e Lea Cavalcanti, e **Bar da Praia**, de Johnny. Resista quem for capaz.

Músico vive em harmonia com a Mooca

Johnny Alf já passou por três endereços na região desde que chegou do Rio, em 1970

CÁSSIO VENTURA

O carioca Johnny Alf, precursor e um dos maiores expoentes da Bossa Nova, se identifica com a Mooca, onde vive. "Morar no bairro não foi uma escolha, foi uma coincidência", explica, contando que reside lá desde 1970, quando se instalou na Rua Taquaritinga. Depois, mudou-se para a Rua Catarina Braida e, finalmente, para a Rua Porto Feliz, onde há sete anos alugou um apartamento de três quartos.

Mas, depois de um tempo na Mooca, percebi que o bairro tem tudo a ver comigo", conta ele com sua voz calma, pausada. E continua: "É um lugar tranquilo, familiar, a vizinhança é legal. Aqui ainda tem um sabor de antigamente, um certo ar de Interior." Johnny Alf lembra que a Mooca é um raros lugares da Cidade onde as pessoas se cumprimentam de manhã dando bom dia.

Pianista, cantor e compositor Johnny Alf é um artista caseiro. Sai pouco do apartamento, onde passa a maior parte do tempo estudando música, lendo, devorando fitas de vídeo e recebendo os amigos. Avesso a badalações, sai de casa apenas para comprar jornal, abastecer a cozinha na quitanda, conferir as novidades na videolocadora ou suprir alguma necessidade do momento.

CLIENTE ESPECIAL NA LOCADORA DE VÍDEO

Roteiro — Convidado pela reportagem de *Seu Bairro* para um passeio pelos locais que mais frequenta no bairro, Johnny Alf começa o roteiro pela locadora Shock Video, na Rua da Mooca, 3.781. "Ele é um grande prestigiador do cinema brasileiro", revela Márcia Tomazetti Nunes, proprietária da videolocadora. Márcia se derama em elogios ao cliente ilustre: "Johnny é muito educado, uma pessoa finíssima", diz. Para ela, "é até difícil hoje em dia encontrar cliente tão gentil." Como bom cinéfilo, este precursor da Bossa Nova sai da loja com uma fita debaixo do braço — *O Retorno de Jafar*, produção dos estúdios da Disney —, indicada por Márcia. "Ela sabe que adoro desenho animado", diz Alf.

Próxima parada, Banca Falcão, na esquina da Rua da Mooca com a Rua Fernando Falcão. Johnny Alf chega, cumprimenta o funcionário Renato Anunciato, que, ato contínuo, lhe entrega o *Jornal da Tarde* dobrado. "Ele sempre compra o *JT*", conta Anunciato, que se refere ao artista como "um compositor muito famoso que sempre toca na programação da *Rádio Cultura*". Mário Frezarim, o dono da banca, conta que Alf é frequentador assíduo. "Para dizer algo sobre Johnny Alf teria de consultar um dicionário, não tenho palavras", diz Frezarim, que se trai ao listar uma série de adjetivos elogiosos.

"Agora vamos passar pelo local onde costumo comprar legumes, frutas, verduras e massas", convida Johnny Alf. E caminha na Rua Fernando Falcão acima, até o número 803, ende-

reço da Merceria e Quitanda Colares. Lá, o artista foi saudado por Maria de Fátima Saraiva Marinelli. Com a filha recém-nascida Andressa no colo, ela esperava por fregueses. Johnny Alf pergunta pela outra filha de Fátima, Vanessa, de 5 anos. "Quando ele (Alf) chega aqui, minha filha pega logo o prato da balança para atendê-lo", conta a quitandeira. "A Vanessa é uma menina superdesenvolta", emenda Alf.

Fátima afirma ter sido informada, por uma vizinha do artista, que tinha um freguês cultuado por músicos nacionais e internacionais. "Foi quando soube que se tratava do cantor e compositor que meu pai tanto admira. Por isso que sempre que a gente conversava aqui na quitanda achava sua voz tão bonita." Alf aponta para um vaso num canto da quitanda e pergunta: "Que planta é aquela?" Fátima responde: "Comigo ninguém pode." Ele retruca: "Não, aquela pequenininha." Ela explica: "Isso mesmo, comigo ninguém pode, só que, dizem, é a planta fêmea. A outra, maior, é macho." Terminado o diálogo, Alf se despede e sussurra: "Essa relação de amizade é muito comum aqui no bairro."

O roteiro de Johnny Alf pela Mooca termina na Rua Emílio Pestana, na casa de Mãe Augusta, adepta do candomblé. O músico passou a frequentar a casa há cerca de oito meses, quando levou até Mãe Augusta uma foto e dados pessoais de um amigo para consulta. "Como conheço muito bem esse amigo, constatei que as coisas que ela dizia a seu respeito tinham tudo a ver e passei a frequentar sua casa." Mãe Augusta emenda: "É muita honra ter

um filho ilustre como ele."

De volta a seu apartamento, Johnny Alf comenta: "Aqui na Mooca tenho tudo o que preciso. Além disso, tenho o prazer de ouvir um passarinho cantando na minha janela logo às quatro da madrugada."

Solidão acompanha o artista

Ele sempre viveu sozinho e na hora de compor prefere fazê-lo sem dividir autoria

Esta lenda viva da bossa nova é uma personalidade solitária por opção. Sempre viveu assim e gosta de fazer tudo sozinho, desde atividades domésticas — cozinhar, lavar roupas e arrumar a casa — até estudar música e compor. "Para trabalhar com arte, criação, a pessoa tem de estar sozinha", ensina Johnny Alf, que no dia 19 de maio completa 66 anos. "Além disso, gosto de variar ou acordar de madrugada para assistir filmes no vídeo, tocar piano ou estudar música."

O videocassete é indispensável para este artista, reconhecido internacionalmente. Sua afeição por novas informações o leva a devorar imagens, literalmente. Alf assiste a tudo — balé, desenho animado, clássicos do cinema, filmes

nacionais, lançamentos, gravações de shows, óperas e até fitas didáticas sobre computação. "O vídeo foi uma mão na roda", afirma. "Uso mais para absorver novas informações do que para lazer." Johnny Alf confessa sua atração pela chamada sétima arte. "Tenho verdadeira paixão pelo cinema." Para ele, seu trabalho de palco progrediu muito, motivado pelas gravações de shows a que assiste.

Um dos três quartos do apartamento de Johnny Alf guarda um tesouro valioso. Uma coleção com mais de dois mil discos, empilhados, de todas as tendências e gêneros musicais. "Às vezes procuro um disco e acabo ouvindo outro, que vem à mão primeiro", diz, como que se desculpassem pela ausência de ordem. Outra paixão con-

fessa de Johnny Alf é a culinária. "É a minha segunda arte", diz. "Cozinhar para os amigos é um grande prazer." Mas que ninguém se atreva a perguntar sobre suas receitas prediletas. "Faço de tudo", responde, lacônico.

Esse músico refinado, nascido Alfredo José da Silva, cultuado por colegas de ofício, por apreciadores de música de qualidade, mas desconhecido do grande público, só foi reconhecido pela vizinhança da Mooca

**COZINHAR
É A SUA
SEGUNDA
PAIXÃO**

depois de mais de dois anos residindo no atual endereço. O reconhecimento veio quando um vizinho o viu num programa de televisão. "Quando o reconheci telefonei para toda a vizinhança contando, sobre o vizinho ilustre", lembra Mário Frizarim, da banca de jornal, outro morador da Porto Feliz.

Cantor tem fé nos orixás e cultua os santos

Johnny Alf ouve o barulho do carro estacionando, surge na janela entreaberta e aponta para a porta do apartamento, no andar térreo do prédio de três pavimentos: "Suba pela escada. Já vou abrir." A decoração de Natal ainda na parede, livros sobre temas religiosos e espirituais, imagens de santos na prateleira e os vasos com espada-de-são-jorge e arruda denunciam — esse profeta da bossa nova transpira religiosidade.

Segundo o compositor, sua arte está intimamente ligada à religião, que o acompanha desde a infância. Ele diz que tem

um dom natural de transmitir seus conhecimentos musicais.

Embora receba conselhos espirituais de *Mãe Augusta*, adepta do candomblé, Johnny Alf tem uma prateleira repleta de imagens de santos. Segundo ele, sua principal protetora é Nossa Senhora da Conceição, que corresponde a Oxum. "É o orixá que rege a garganta", explica o cantor. "Tenho muitos amigos cantores que também são regidos por Oxum, que me transmite ainda muita calma e paciência."

Johnny Alf cuida com muito carinho de seus vasos, especial-

mente os plantados com espada-de-são-jorge e arruda, estrategicamente colocados dos dois lados da porta de entrada do apartamento. "Essas plantas me dão proteção. Aliás, as plantas geralmente têm a capacidade de limpar o astral do ambiente."

Piano da vida toda foi presente

Encostado em uma parede da sala, o velho piano onde Johnny Alf compõe pérolas sonoras guarda a história de um gesto generoso e de uma amizade nascida em 1970, quando foi convidado para uma temporada na boate Flag, no Rio. O instrumento estava esquecido no porão da casa noturna, fechada há anos. Vendo-o silencioso, Alf pediu-o emprestado ao dono da boate, José Hugo Celidônio, para ensaiar no apartamento alugado para a temporada. "Quando esta terminou, quis devolver o instrumento, mas o Celidônio disse que era um presente." O velho piano, ganho no ano em que Alf veio definitivamente para São Paulo, perdeu a cor verde com que fora pintado. "Mandei raspar, pois a tinta abafa um pouco o som." (C.V.)